

¿REQUIESCAT IN PACE? ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR A POSSÍVEIS CASOS DE ENTERRAMENTOS ATÍPICOS IDENTIFICADOS NA NECRÓPOLE NOROESTE DE OLISIPO

Sílvia Casimiro¹, Francisca Alves Cardoso², Rodrigo Banha da Silva³, Sandra Assis⁴

RESUMO

Dezasseis anos após a grande intervenção arqueológica na Praça da Figueira, surgem novos dados relativos ao universo funerário da Necrópole Noroeste de Olisipo. Tendo subjacente uma abordagem transdisciplinar, foram analisados os dados relativos aos trabalhos arqueológicos, escavados e estudados os restos ósseos humanos as estruturas funerárias e respetivo espólio material associado. O cruzamento destes dados com a informação obtida a partir dos registos estratigráfico e fotográfico, permitiu identificar padrões de inumação que se destacam e suscitam uma especial atenção. Pretende-se, desta forma, apresentar explicações passíveis de caracterizar estas inumações que, desde logo, se apresentam como fora da norma verificada naquele contexto. **Palavras-chave:** Enterramentos desviantes, Arqueotanatologia, Tafonomia, Necrópole romana, Rituais funerários.

ABSTRACT

Sixteen years after the major archaeological intervention in Praça da Figueira, data on the funerary universe of the Olisipo Northwest Necropolis starts to emerge. Focussing on a transdisciplinary approach, the archaeological and anthropological records were analysed, the human skeletal remains were excavated in laboratory and the funerary structures and respective grave goods were studied. The results of these data with the information obtained from the stratigraphic and photographic records allowed the identification of some burial patterns which require a special attention. The aim is to present possible explanations to characterize these burials that clearly differ from the norm found in that context.

Keywords: Deviant burials, Archaeothanatology, Taphonomy, Roman Necropolis, Funerary Rituals.

1. INTRODUÇÃO

Muitos têm sido os conceitos utilizados para descrever os enterramentos que não obedecem ao padrão mais representado num determinado contexto cronocultural, ou apresentam características pouco comuns, tais como desviantes (Murphy, 2008),

atípicos (Gardela & Duma, 2013), não-normativos (Damyanov, 2012), não usuais (Tsaliki, 2008) ou irregulares (Milella *et alii*, 2015), entre outros. Apesar destes conceitos serem utilizados como sinónimos, e de alguns autores se empenharem na discussão sobre o seu significado intrínseco e origem etimológica (Aspöck, 2008), é frequentemente aceite pela

1. CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, IEM, Inst. de Estudos Medievais, FCSH – UNL; scasimiro@fcsh.unl.pt

2. CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, FCSH – UNL; francealves@gmail.com

3. CAL, Centro de Arqueologia de Lisboa, CHAM, Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH – UNL; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

4. CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, FCSH – UNL; sandraassis78@gmail.com

comunidade científica que estes enterramentos diferem dos demais, por exemplo, na deposição ou tratamento do corpo, na localização e/ou construção da sepultura ou no tipo de materiais e/ou espólio associados (Aspöck, 2008). Estudos desenvolvidos no âmbito da antropologia e da etnografia têm revelado que, pelos mais diversos motivos, na morte, alguns indivíduos recebem um diferente tratamento (Tsaliki 2008; Aspöck 2008; Ucko, 1969). Estes enterramentos constituem-se como potenciais ferramentas para uma visão considerável nos processos de formação de identidade, de negociação e/ou de diferenciação entre culturas (Parker Pearson, 1999; Reynolds, 2009; Gregoricka *et alii*, 2017). Se considerarmos que as práticas funerárias ilustram os actos praticados pelos vivos, na criação de uma moldura mortuária, estas são passíveis de oferecer uma visão de eventuais contrastes identitários e culturais, entre aqueles a quem é conferido um ritual funerário diferente e todos os outros cujos rituais decorreram, aparentemente, dentro na norma (Gregoricka *et alii*, 2017).

De entre os conceitos utilizados para classificar estes enterramentos, o termo “desviante” é apontado como problemático, já que encerra uma conotação negativa sugerindo, à partida, algum tipo de exclusão social. Esta visão poderia incidir sobre filhos ilegítimos (Hodgson, 2013; Burnston, 1982), adúlteros (Hodgson, 2013; Tsaliki, 2008), criminosos, escravos, portadores de deficiências físicas ou, remetendo para o imaginário sociocultural, tais como o de indivíduos tidos como vampiros (Tsaliki, 2001; Nuzzo-lesse & Borrini, 2010; Minozzi *et alii*, 2012) ou associados a bruxaria/feitçaria (Tsaliki, 2001; Handler, 1996). Contudo, muitos casos rotulados como “desviantes” não se enquadram nos casos acima descritos, referindo-se a indivíduos aos quais foi conferido um ritual funerário “diferente”, mas por motivos relacionados com as circunstâncias da morte e/ou pela sua condição à morte. A título de exemplo, refira-se indivíduos não baptizados, mães e/ou neonatos que morrem no parto (Tsaliki, 2008), vítimas de homicídio ou mortes violentas, suicidas, guerreiros mortos em combate, entre outros. Adicionalmente, a presença de doenças infectocontagiosas é também um factor a considerar, especialmente na interpretação de enterramentos que sugerem um menor cuidado na deposição do cadáver. Por fim, refiram-se os processos tafonómicos ou pós-deposicionais que, não considerados ou mal avaliados, podem facil-

mente induzir em erro, quando interpretados os gestos funerários. Motivados pelas condições físicas do espaço sepulcral, pela acção de factores antrópicos ou ecológicos, estes processos podem produzir alterações substanciais no enterramento, alterando o posicionamento dos vários elementos ósseos. No presente estudo, dada a referida conotação negativa associada ao conceito de “desviante” optou-se pela utilização do termo “atípico”.

Cruzando dados biológicos com o registo arqueológico, pretende-se explorar possíveis interpretações para um conjunto de enterramentos de cronologia romana, recuperados aquando da escavação da Necrópole Noroeste de Olisipo, entre 1999 e 2001, na sequência da identificação de um vasto potencial arqueológico durante a construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira, em Lisboa. Os trabalhos arqueológicos revelaram um amplo horizonte cronológico e cultural, compreendido entre a Pré-História Recente e a Contemporaneidade revelando, entre outros contextos, as ruínas do extinto Hospital Real de Todos os Santos e a Necrópole Noroeste de Olisipo, com uma ampla cronologia que se inicia em meados do século I d.C. e termina no início do século V d.C. (Silva, 2005). Após uma análise preliminar que incidiu sobre a dinâmica estratigráfica e os materiais e estruturas exumadas, correspondentes às fases de ocupação romana, com vista a promover a leitura e compreensão do espaço, foi definido um conjunto de cinco momentos, denominados por “Fases” e enumerados cronologicamente a partir da mais ancestral (Casimiro, Prata & Silva, s.d.; Silva & Casimiro, 2013; Silva, 2005). As Fases I e II correspondem a evidências de época romana, tanto anteriores como posteriores à instalação do urbanismo alto-imperial. A Fase III revela o momento de funcionamento da necrópole romana enquanto espaço monumentalizado, inserindo-se entre meados do século I e finais do III (fig.1a). A Fase IV apresenta já evidências correspondentes ao momento de “desmonumentalização” e posterior desactivação da necrópole, correspondendo ao período compreendido entre finais do século III e início do século V, quando a utilização da área como necrópole parece ter cessado (fig.1b). De facto, nesta fase (IV), o espaço intervencionado, assume a aparência de paisagem arruinada, fruto de uma acção de “desmonumentalização” da Necrópole Noroeste de Olisipo. Ainda assim, a área envolvente à grande via romana que conduzia a Scallabis, e

daí a Emérita e Bracara, persistiu temporariamente como área de sepultamento, sendo predominantes as inumações, praticadas no interior de ataúdes em madeira ou em fossas simples abertas no solo (Silva, 2005) (Figura 1).

A última fase definida, identificada como Fase V, corresponde ao período compreendido entre os séculos V e, possivelmente, VIII. No início desta fase, há claras evidências de que o espaço já não serve um fim funerário. Este facto poderá explicar-se pela progressiva cristianização da cidade, que gerou novas ideologias e novas formas de ritualização da morte e que resulta numa distinta topografia urbana (Casimiro, Prata & Silva, s.d.; Silva, 2005). Durante este período, este espaço caracteriza-se por apresentar uma baixa densidade ocupacional, podendo interpretar-se como uma retracção do espaço suburbano do noroeste da cidade. Neste sentido, a área da actual Praça da Figueira ocuparia uma localização periurbana com algumas características de espaço ruralizado (Casimiro, Prata & Silva, s.d.; Silva & Casimiro, 2013). Relativamente às fases III e IV, que correspondem à ocupação do espaço como necrópole, foram identificados enterramentos humanos correspondentes a rituais de inumação (n=61) e cremação (n=23). Em alguns casos, por motivos que se prendem com a urgência dos trabalhos em campo, procedeu-se à exumação em bloco. Por esse motivo, ressalva-se que os números indicados não são definitivos, uma vez que ainda decorrem os trabalhos de escavação em laboratório. Das 60 sepulturas escavadas, foram identificados 61 indivíduos: 33 adultos e 28 não adultos. Com a excepção de uma sepultura que continha os restos ósseos de dois neonatos, todas as outras referem inumações primárias e individuais (Casimiro *et alii*, 2017).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Dos 61 indivíduos analisados, destacam-se 7 (4 adultos e 3 não adultos), por motivos relacionados com a sua deposição, constituindo assim o foco do presente trabalho. Tendo subjacente os registos de campo, procedeu-se à análise dos parâmetros relativos à Antropologia Funerária atendendo a aspectos, como a tipologia e forma da sepultura, o tipo de inumação, o modo de deposição, orientação e a posição do indivíduo e o mobiliário funerário associado.

O perfil cronológico das sepulturas é aferido pela articulação dentro da dinâmica estratigráfica reconhe-

cida, com alguns elementos integrantes do mobiliário funerário a ancorar as propostas de datação.

Paralelamente, traçou-se o perfil biológico dos indivíduos. Para estimar a idade biológica dos não-adultos foram considerados métodos morfológicos e métricos. Os métodos morfológicos basearam-se na observação do desenvolvimento ósseo e dentário, (Ferembach; Schwidetzky & Stloukal, 1980; Sheuer & Black, 2000). Não foi desenvolvida qualquer análise relacionada com a diagnose sexual de não adultos, uma vez que a estimativa do sexo em indivíduos cujo dimorfismo sexual é incipiente, está sujeita a consideráveis erros interpretativos (Cardoso & Saunders, 2008; Galdames *et alii*, 2009). A estimativa da idade à morte em adultos considerou a maturação biológica do esqueleto, atendendo ao grau de encerramento das epífises tardias (Buikstra & Ubelaker, 1994; White & Folkens, 2005), assim como as alterações da superfície auricular (Lovejoy *et al.*, 1985) e da sínfise púbica (Brooks & Suchey, 1990). A morfologia do osso coxal e do crânio foram os indicadores considerados para a estimativa do sexo em adultos (Buikstra & Ubelaker, 1994; Bruzek, 2002; White & Folkens, 2005). Para o mesmo efeito, foi ainda considerada a análise métrica de alguns ossos longos e do tarso (Wasterlain, 2000). Por fim, efetuou-se uma análise macroscópica de todos os elementos ósseos, visando a identificação de eventuais alterações ósseas de natureza patológica e tafonómica (Buikstra & Ubelaker, 1994; Ortner, 2003).

3. RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir dos casos seleccionados são apresentados individualmente, seguindo um modelo descritivo e não interpretativo.

Caso 1: H1-2/ UE8905/Esq.46

A análise do esqueleto 46 revelou um indivíduo adulto do sexo feminino. Trata-se de uma inumação primária individual, orientada no sentido SE-NO. O indivíduo foi depositado directamente numa fossa aberta no solo, em decúbito supino e inclinado sobre o seu lado esquerdo (Figura 2).

O esqueleto encontrava-se totalmente articulado, próprio de casos em que a decomposição do cadáver ocorre num espaço colmatado. Os membros inferiores estavam flectidos para o lado esquerdo, sendo que o esquerdo se encontrava mais elevado em relação ao direito. Quanto aos membros superio-

res, estes apresentavam-se flectidos e posicionados posteriormente, com as extremidades distais dos raios e ulnas (esquerdos e direitos) juntos, encostados à zona posterior das vertebrae lombares. É o posicionamento descrito que se destaca, justificando a classificação do indivíduo como atípico. Cronologicamente, esta inumação insere-se nas primeiras décadas do século IV. Não foi identificado qualquer tipo de mobiliário funerário associado.

No que concerne as alterações ósseas de natureza patológica refira-se a presença de alguns osteomas, em botão, no frontal e parietais e a observação de caries. Acresce ainda a perda antemortem de dentes e desgaste dentário na cavidade oral. Na extremidade distal da fíbula esquerda registou-se um ligeiro desvio no alinhamento da diáfise, acompanhado de irregularidades na superfície óssea, e que consubstanciam uma provável fratura remodelada. Ainda no esqueleto apendicular, destacou-se a presença de algumas alterações da entese e hipertrofia óssea, designadamente nas clavículas, extremidade proximal dos úmeros, crista ilíaca, e espaço de inserção do Tendão de Aquiles (calcâneo esquerdo). Na coluna torácica foram observados nódulos de Schmorl nas vértebras T6 a T10, assim como osteofitose marginal no rebordo do corpo da T5 a T12, e sinais de compressão do corpo, mais notórios entre a T6 e a T8. Ainda no corpo das vértebras torácicas refira-se a presença de alguma assimetria lateral em relação ao eixo central do corpo. Na 4ª vértebra lombar (L4) assinalou-se uma pequena lesão erosiva (~1 cm) no rebordo ântero-superior do corpo, estendendo-se do limite do anel vertebral e penetrando no corpo da vértebra. O sacro revelou um conjunto de defeitos congénitos, caracterizados pela fusão incompleta dos arcos neurais de alguns segmentos (S1/S2 e S4/S5), e que correspondem a um caso de espinha bífida.

Caso 2: GH2/UE8918/Esq.39

O esqueleto 39 pertence a um indivíduo não adulto com uma idade à morte estimada entre os 4 e os 8 anos. Trata-se de uma inumação primária individual orientada no sentido SE-NO. O indivíduo foi depositado em decúbito supino, com recurso a ataúde. O esqueleto encontrava-se parcialmente desarticulado, com ênfase na região do tórax e membros superiores e cintura pélvica. Sendo um aspecto comumente verificado nos casos em que a decomposição cadavérica ocorre num espaço não colmatado. Os membros inferiores encontravam-se

estendidos. A desarticulação dos elementos ósseos da região do tórax e pélvis motivaram a seleção deste indivíduo para o conjunto de casos destacados, ainda que, com algumas reservas (Figura 3).

Do mobiliário funerário fazem parte uma Sigillata Clara Africana A – Hayes 14C (Hayes, 1972, 1980), uma terracota regional coroplástica (galo/galinha); duas cerâmicas comuns de produção regional (um pote biansado e um pote/panela). Relativamente à cronologia, os elementos vasculares em Terra Sigillata Clara Africana concedem um carácter decisivo. É situável dentro do século III d.C. em função das cronologias aferidas para o tipo por Michel Bonifay (2004). Assinale-se a concordância da datação com o que se conhece para a laboração da olaria da Quinta do Rouxinol (Seixal), dado o pequeno pote associado, apresentar a muito característica pasta regional caulínica comprovadamente saída daquela *officina* (Santos, 2012). Não foram registadas quaisquer alterações ósseas de cariz patológico.

Caso 3: H3/UE8831/Esq.47

O esqueleto 47 refere um indivíduo adulto, do sexo masculino (Figura 4).

Trata-se de uma sepultura primária e individual com orientação SE-NO, onde o indivíduo foi depositado num pequeno covacho ovalado, sem recurso a ataúde. Os membros superiores encontravam-se flectidos sobre o ventre e os membros inferiores estendidos. À semelhança do anterior (esq.39), as áreas correspondentes ao tórax e à cintura pélvica encontravam-se bastante desarticuladas, motivando a seleção deste indivíduo para o conjunto de casos destacados.

Cronologicamente, insere-se na fase III. O mobiliário funerário é composto por três vasos em cerâmica comum de produção regional (uma bilha e dois potes/panelas).

Para além de alterações da cavidade oral (tártaro e desgaste dentário), foram observadas algumas afecções articulares (p.e. crescimento ósseo) na clavícula, omoplata e mão. No corpo da 5ª e 6ª vértebra cervical registaram-se alterações degenerativas severas designadamente, osteofitose marginal, porosidade e esmagamento. Nas vértebras lombares (L1-L3) também se assinalou osteofitose marginal, mais conspícua no lado esquerdo do corpo. Por fim, registou-se a presença de alterações da entese no rádio direito.

Caso 4: H1-2/UE8931/Esq.73

O esqueleto 73 refere um indivíduo não adulto com uma idade à morte estimada entre os 2 e os 4 anos. Trata-se de uma sepultura primária e individual, do tipo covacho, com orientação NO-SE (Figura 5).

À semelhança dos dois casos anteriores (esq.39 e 47), o esqueleto 73 encontrava-se parcialmente articulado, sendo que as áreas correspondentes ao tórax e à cintura pélvica se encontravam desarticuladas, motivando a seleção deste indivíduo para o conjunto de casos selecionados. O indivíduo foi depositado em decúbito supino com os membros inferiores estendidos e paralelos. O membro superior direito encontrava-se flectido sobre o abdómen, sendo que o esquerdo não foi possível observar, dada a desarticulação.

Inserida no período que compreende a fase III, não apresentava mobiliário funerário. Não foram observadas alterações ósseas de natureza patológica expressivas.

Caso 5: H3/UE8940/Esq.48 (Figura 6).

O esqueleto 48 corresponde a um indivíduo do sexo feminino. A fusão parcial da epífise esternal da clavícula, a ausência de fusão do primeiro segmento do sacro, e a retenção de cristas e sulcos na sínfise púbica apontam para uma idade inferior a 30 anos.

Trata-se de uma inumação primária individual, orientada no sentido SE-NO. O indivíduo foi depositado num covacho aberto sobre um muro pré-existente, sem recurso a ataúde. O membro superior direito encontrava-se flectido sobre o abdómen, enquanto que o esquerdo, dada a sua desarticulação, não foi possível determinar. É a posição dos membros inferiores que se destaca neste caso: o membro inferior direito encontra-se estendido, enquanto que o esquerdo se encontra fletido para o interior, com o pé por baixo da tíbia direita.

No domínio das alterações ósseas e dentárias, destaca-se na cavidade oral, a presença de tártaro e desgaste dentário, mais notório nos primeiros molares.

Caso 6: L3/UE9115/Esq.33

O esqueleto 33 refere um indivíduo do sexo feminino. A fusão de todas as epífises do esqueleto e a ausência de indicadores de degenerescência óssea apontam para um adulto jovem. Trata-se de uma inumação primária individual, orientada no sentido SE-NO. O indivíduo foi depositado num pequeno covacho sem recurso a ataúde. Os mem-

bros superiores encontravam-se flectidos sobre o tórax/abdómen e, como no caso anterior (esq.48), é a posição dos membros inferiores que se destaca: o membro inferior direito encontra-se estendido, enquanto que o esquerdo se encontra fletido para o interior, com o pé por baixo da tíbia direita.

Cronologicamente, insere-se no período compreendido entre século II e o final do III d.C.

O mobiliário funerário é composto por uma bilha em cerâmica comum de produção regional, depositada ao lado do membro superior direito. Cronologicamente, insere-se no período compreendido entre século II e o final do III d.C. O mobiliário funerário é composto por uma bilha em cerâmica comum de produção regional, depositada junto do membro superior direito (Figura 7).

No domínio paleopatológico observaram-se alterações da entese, mais conspícuas no rádio direito (inserção do *biceps brachii*), rótula direita (músculo *vastus*) e calcâneos (tendão de Aquiles). No ílio esquerdo observou-se uma pequena projeção óssea na região da espinha ilíaca pósterio-superior. Nas vértebras torácicas notou-se um pequeno desvio lateral direito em relação ao eixo central do corpo, mais expressivo entre a 4ª e a 10ª vértebra (T4-T10). Registaram-se depósitos de tártaro e a presença de desgaste dentário.

Caso 7: E2/UE3814/Esq.4

O esqueleto 33 refere um indivíduo não adulto com a idade à morte estimada entre os 6 e os 8 anos. Trata-se de uma sepultura primária e individual, do tipo covacho, com orientação SE-NO.

À semelhança do Caso 2, a sua classificação como atípico levanta dúvidas. No entanto, optou-se pela sua inclusão, pelas semelhanças que apresenta em relação aos casos 2, 3 e 4, este encontrava-se parcialmente desarticulado, principalmente no que se refere ao tórax e à cintura pélvica. O indivíduo foi depositado em decúbito supino, com recurso a ataúde. Os membros inferiores encontravam-se estendidos, não sendo possível observar a posição dos membros superiores, dado o estado de desarticulação.

Deverá referir-se que esta sepultura de forma rectangular, foi construída por cima da maior de três *cupae* – com cerca de 2,40 m de comprimento – identificadas nesta necrópole, sendo que esta foi alvo de violação, ainda, na Antiguidade (Casimiro *et alii*, 2017; Campos, 2012). Por este motivo, quando se dá o abatimento de terras para o interior da *cupa*,

devido a danos estruturais provocados pela violação, a sepultura de E2 é afetada, acabando por sofrer também um abatimento (Figura 8).

O mobiliário funerário era constituído por uma moeda; dois elementos de vidro (um copo e outro inclassificável); dois elementos em Sigillata Clara Africa A e C e ainda um pote/panela em Cerâmica Comum de produção regional. A propósito do numisma, salienta-se que, ainda que muito degradado, pelo tipo de disco e módulo estimável poderá equivaler a um Antoniniano, unidade monetária predominante no século III d.C. e que perde, progressivamente e com grande intensidade, a percentagem em prata da liga original, de tal forma que no último terço da centúria é, na prática, constituída quase apenas por cobre. Já o vidro não é enquadrável tipologicamente dado o estado degradado dos exemplares. Ainda assim, trata-se de vidro incolor e fino, o que está de acordo com datações dentro do lapso do século II d.C. às primeiras décadas do IV d.C. (Isings, 1959). Carácter mais decisivo adquirem os elementos vasculares em terra sigillata clara africana: o prato Hayes 14 C, em fabrico A, associado ao prato Hayes 50A, em fabrico C, remetem esta inumação com maior probabilidade para o último terço do século III ou primeiros anos do seguinte (Bonifay, 2004; Hayes, 1972, 1980).

Não foram registadas quaisquer alterações ósseas de cariz patológico.

4. DISCUSSÃO

A discussão dos casos considera os parâmetros relacionados com os aspectos rituais e/ou condicionantes socioculturais, a presença/ausência de alterações ósseas de natureza patológica e, por último, as alterações tafonómicas ou pós-deposicionais.

Relativamente ao primeiro parâmetro, os casos 1, 5 e 6, são ilustrativos de enterramentos diferenciados. O Caso 1 parece apontar para a presença de algum tipo de exclusão social. Aparentemente o indivíduo foi descartado enquanto cadáver, preservando as mãos posicionadas atrás das costas, como se tivessem atadas. Acresce que a posição dos membros inferiores parece sugerir que o mesmo estaria de joelhos e terá caído para trás. Um caso com algumas similaridades, datado do século V, foi identificado na cidade romana de Venta Icenorum em Caistor (Norwich, Reino Unido). Nesse caso, a posição dos membros superiores e inferiores é idêntica, tendo

o indivíduo, aparentemente, sido depositado em decúbito lateral, não sendo certo se este está localizado numa necrópole (particularidade que parece relevante), assim como nada se sabe sobre o perfil biológico do indivíduo, uma vez que ainda decorre o respectivo estudo arqueológico e bioantropológico (informação pessoal do Professor Will Bowden, da Universidade de Nottingham).

Relativamente aos casos 5 e 6, que dizem respeito a duas mulheres jovens adultas, a posição do membro inferior esquerdo sugere uma flexão vertical no momento da inumação, que por acção dos processos tafonómicos, nomeadamente a decomposição do cadáver, terá dado origem a um descaimento daquele membro para um plano horizontal. A posição em que foram depositados os cadáveres, poderá relacionar-se com algum aspecto sociocultural que não nos foi possível determinar. Note-se porém, que ao contrário do Caso 1, nestes dois casos não haveria, necessariamente, uma visão negativa dos inumados, por parte de quem procedeu ao ritual. Um caso idêntico foi identificado em Gloucester (Reino Unido). A posição dos membros inferiores é igual, inclusive na lateralidade. No caso de Gloucester trata-se de um indivíduo adulto jovem, do sexo masculino. Na interpretação deste caso os autores não se focaram no simbolismo da deposição, limitando-se à sua descrição e justificando a posição do membro inferior como resultante do processo de decomposição do cadáver em espaço não colmatado, apresentando algumas reservas nessa interpretação, motivadas pelo facto de apenas terem sido recuperados 2 pregos que, eventualmente, poderiam fazer parte de um ataúde (Simmonds, Marquéz-Grant & Loe, 2008).

De todos os casos apresentados, o argumento de que algumas patologias severas, como o caso das de natureza infectocontagiosa poderiam justificar algumas deposições atípicas, como resposta por parte da comunidade à presença de doenças capazes de produzir visivelmente repulsa ou medo de contágio, não se adequa aos casos apresentados. Ou seja, aparentemente nenhum dos indivíduos apresenta alterações ósseas de natureza patológica, com capacidade para causar repulsa e, consequentemente, dar origem a exclusão social e ao tratamento funerário distinto. A maioria das alterações observadas e descritas (p.e. tártaro, desgaste dentário, afecções articulares, alterações da entese), são bastante frequentes na análise de material osteológico, e transversais no espaço e no tempo.

Em termos de paleopatologia o único caso a ser revisitado, será o Caso 1 (esq.46), cujo indivíduo apresenta uma lesão observada na 4ª vértebra lombar semelhante ao padrão descrito na literatura como associado à brucelose ou febre-de-malta, uma infecção zoonótica (p.e., Anderson, 2003; Curate, 2003/2004; D’Anastasio *et alii.*, 2009).

No mesmo indivíduo foi ainda observada a existência de espinha bífida e nódulos de Schmorl, justificando-se uma futura análise paleopatológica mais detalhada com vista a diagnósticos diferenciais. Importa sublinhar, no entanto, que a ausência de alterações compatíveis com patologias no esqueleto, não é sinónimo de que o indivíduo não tenha padecido das mesmas em vida, sendo que esta possibilidade não deve ser completamente excluída da interpretação.

Considerando, por fim, a influência ou o impacto dos factores tafonómicos ou pós-deposicionais, na interpretação destes casos deve atender-se, por um lado, a que estes são, motivados pelas condições físicas do espaço sepulcral e pela acção de factores antrópicos ou ecológicos. Por outro lado, muitas destas alterações têm origem em factores biológicos inerentes ao próprio indivíduo, nomeadamente no processo de decomposição do cadáver e, em toda uma dinâmica que lhe está associada (Pinheiro, 2006), sendo possível que o mesmo cadáver desenvolva vários níveis de decomposição em simultâneo, devido a factores intrínsecos e extrínsecos (Pinheiro, 2006). Estes processos podem produzir alterações substanciais no enterramento, alterando o posicionamento dos vários elementos ósseos, desarticulando-os e misturando-os, por vezes criando um cenário “imaginário” de manipulação cadavérica. O facto da tafonomia criar limites na interpretação em campo, adequa-se aos casos 2, 3, 4 e 7. Nos casos 2 e 7, a presença de ataúde poderá justificar o remeximento dos elementos ósseos e a quebra da integridade articular, motivado pela decomposição do cadáver num espaço não colmatado (no Caso 7, acresce o facto de a sepultura ter colapsado). Nos casos 3 e 4, cuja decomposição decorreu em espaço colmatado ou semi-colmatado, o remeximento poderá dever-se a múltiplos factores que vão desde as especificidades do terreno e da própria sepultura (p.e. sepulturas superficiais, como parece ser o caso), à pressão urbana, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise destes ambientes, aqui considerados como um complexo que inclui: esqueleto / sepultura / espaço funerário, requer uma observação e diálogo transdisciplinar e um extremo rigor metodológico, assente nos conceitos inerentes à Arqueotematologia, atendendo a que a sua ausência implica a incapacidade de interpretar correctamente qualquer deposição mortuária (Neves *et alii.*, 2012; Duda, 2009) – a interpretação correcta destes ambientes está directamente relacionada e, sobretudo, condicionada pelos métodos e pelo registo da sua escavação (Neves *et alii.*, 2012; Lecrec, 1990). A este propósito, relembra-se que os casos apresentados foram analisados com recurso a registos fotográficos e gráficos, complementados com outros registos de campo.

Se é verdade que os restos ósseos encerram um registo biológico da vida de um indivíduo, também é verdade que estes incorporam uma personalidade social moldada e adaptada à influência cultural (Gregorick *et alii.*, 2017; Agarwal & Glencross, 2011). O ambiente funerário constitui-se como um elemento chave, não apenas, para compreender o tratamento após a morte, já que esse tratamento poderá reflectir a forma como o indivíduo seria visto pela sociedade (Sofaer, 2006) mas, também, para a reconstrução dos rituais funerários e para compreender as suas dinâmicas e a forma como estes são operados dentro de uma determinada sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AGARWAL, Sabrina; GLENCROSS, Bonnie (2011) – Building a Social Bioarchaeology. In AGARWAL, Sabrina & GLENCROSS, Bonnie, eds – *Social Bioarchaeology*. Oxford, Wiley-Blackwell.

ANDERSON, T. (2003) – The first evidence of brucellosis from British skeletal material. *Journal of Paleopathology* 15(3), p.153-158.

ASPÖCK, Edeltraud (2008) – What Actually Is a ‘Deviant Burial’? Comparing German-Language and Anglophone Research on ‘Deviant Burials. In MURPHY, Eileen, eds. – *Deviant Burial in the Archaeological Record*. Oxford: Oxbow Books, p.17-34.

AUFDERHEIDE, Arthur; RODRÍGUEZ-MARTÍN, Conrado; LANGSJOEN, Odin (1998) – Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology. Cambridge University Press.

BROOKS, S.; SUCHEY, J.M. (1990) – Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-

- Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution* 5, p.227-238.
- BONIFAY, Michel (2004) – Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. BAR International Series, 1301. Oxford.
- BRUZEK, Jaroslav (2002) – A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology* 117, p.157-168.
- BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas (1994) – Standards for data collection from human skeletal remains. *Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History, Arkansas, Archaeological Survey Research Series*, 44.
- BURNSTON, Sharon Ann (1982) – Babies in the Well: An Underground Insight into Deviant Behavior in 18th Century Philadelphia. *The Pennsylvania Magazine of History and Biography* 106(2), p.151.
- CAMPOS, Ricardo (2012) – As cupae do ager Olisiponensis. In ANDREU PINTADO, J. ed. – Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología. Universidad Nacional de Educación a Distancia, UNED, UNED Tudela : Fundación Uncastillo, p.476.
- CARDODO, Hugo; SAUNDERS, Shelley (2008) – Two arc criteria of the ilium for sex determination of immature skeletal remains: a test of their accuracy and an assessment of intra an inter observer error. *Forensic Science International*, 178, p.24-29.
- CASIMIRO, Sílvia; ALVES CARDOSO, Francisca; SILVA, Rodrigo Banha da; ASSIS, Sandra; MARQUÉZ-GRANT, Nicholas (2017) – «...et sepultus est». A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo. Colóquio A Morte em Lisboa: novos dados, novas problemáticas. Comissão de Estudos Olisiponenses, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Museu Arqueológico do Carmo.
- CASIMIRO, Sílvia; PRATA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (s.d.) – Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In *Actas do Colóquio A Nova Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Instituto de Estudos Medievais, FCSH. UNL p.37 (no prelo).
- CURATE, Francisco (2003/04) – A brucelose em paleopatologia: um estudo de caso proveniente da necrópole Cristã de Cacula Velha. *Antropologia Portuguesa* 20/21, p.209-235.
- DAMYANOV, M. (2012) – Normative and Non-Normative Burial Practices in the Necropolis of Greek Colonies in Western Black Sea. *Journal Ancient West & East*, 11.
- D'ANASTASIO, Ruggero; ZIPFEL, Bernhard.; MOGGI-CECCHI, Jacobo; STANYON, Roscoe; CAPASSO, Luigi (2009) – Possible Brucellosis in an Early Hominin Skeleton from Sterkfontein, South Africa. *PLoS ONE* 4(7): e6439.
- DUDAY, Henry (2009) – The archaeology of the dead: Lectures in archaeoethanatology. Oxford: Oxbow Books.
- FARRELL, Maura (2012) – Prone, stoned, and losing the head: Deviant burials in early medieval Ireland in the 5th to 12th centuries. In Trowel, Vol 13. AIYA Proceedings.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9, p.517-549.
- GALDAMES, Iván; MATAMALA, Daniela; SMITH, Ricardo (2009) – Sex determination in mandibles in the first year of life by a quantitative approach. *International Journal Morphology*, 27:1, p.113-116.
- GARDEŁA, Leszek; DUMA, Pawel (2013) – Untimely death. Atypical burials of children in early and late medieval Poland. *World Archaeology* 45(2), p.314-332.
- GREGORICKA, Lesley; SCOTT, Amy; BETSINGER, Tracy; POLCYN, Marek (2017) – Deviant burials and social identity in a Postmedieval Polish cemetery: An analysis of stable oxygen and carbon isotopes from the “vampires” of Drawsko. *American Journal of Physical Anthropology*, in press, p.1-18.
- HANDLER, Jerome (1996) – A Prone Burial from a Plantation Slave Cemetery in Barbados, West Indies: Possible Evidence for an African-Type Witch Or Other Negatively Viewed Person. *Historical Archaeology* 30(3), p.76.
- HAYES, John W (1972) – Late Roman Pottery. London: The British School at Rome.
- HAYES, John W (1980) – Supplement to Late Roman Pottery. London: The British School at Rome.
- HODGSON, Jesslyn (2013) – Deviant Burials in Archaeology. Anthropology Publications. Paper 58. University of Western Ontario.
- ISINGS, Clasina (1957) – Roman Glass from dated finds, *Colecção Archaeologica traiectina*; volume II. Groningen: J. B. Wolters.
- LECRERC, Jean (1990) – La notion de sepulture. *Bulletin et Memoires de la Societé d'Anthropologie de Paris*, 2 (3-4), p.13-18.
- LOVEJOY, C. Owen; MEINDL, Richard; PRYZBECK, Thomas; MENSFORTH, Robert (1985) – Chronological metamorphosis of the auricular surface of ilium: new method for the determination of adult skeletal age at death. *American Journal of Physical Anthropology*, 68, p.15-28.
- MILELLA, Marco; MARIOTTI, Valentina; BELCASTRO, Maria Giovana; KNÜSEL, Christopher (2015) – Patterns of Irregular Burials in Western Europe (1st-5th Century A.D.). *PLoS ONE* 10(6): e0130616.
- MINOZZI, Simona; FORNACIARI, Antonio; FORNACIARI, Gino (2012) – Commentary on: Forensic Approaches to an Archaeological Casework of “vampire” Skeletal Remains in Venice: Odontological and Anthropological Prospectus. *J Forensic Sci* 2010; 55(6), p.1634-7. *Journal of Forensic Sciences* 57(3), p.843.

- MURPHY, Eileen. (2008) – Introduction. In MURPHY, Eileen, eds. – *Deviant Burial in the Archaeological Record*. Oxford, UK. Oxbow Books, p. xii.
- NEVES, Maria João; FERREIRA, Maria Teresa; ALMEIDA, Miguel; PINHEIRO, João (2012) – A importância dos processos de decomposição cadavérica para a interpretação do registo osteoarqueológico. *Almadan II Série* (17), p. 30-37.
- NUZZOLESE, Emilio; BORRINI, Matteo (2010) – Forensic Approach to an Archaeological Casework of “Vampire” Skeletal Remains in Venice. Odontological and Anthropological Prospectus. *Journal of Forensic Sciences* 55(6), p.1634-1637.
- ORTNER, Donald (2003) – Identification of pathological conditions in human skeletal remains. Academic Press, Amsterdam.
- PARKER PEARSON, Mike (1999) – The archaeology of death and burial. Thrupp: Sutton Publishing Ltd.
- PINHEIRO, João (2006) – Decay Process of a Cadaver. In: SCHMITT Aureore, eds – *Forensic Anthropology and Medicine*. Humana Press, pp.85-116.
- REYNOLDS, Andrew (2009) – Anglo-Saxon deviant burial customs. Oxford University.
- SANTOS, César (2012) – As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2000) – Developmental juvenile osteology. San Diego, Academic Press.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) – As «marcas de oleiro» na terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, apresentada à Universidade do Minho.
- SILVA, Rodrigo Banha da; CASIMIRO, Sílvia (2013) – A Fase V na Praça da Figueira (Lisboa): na periferia de Olisipo nos séculos V a VIII. VIII Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitânia, 10-11 maio. Mangualde.
- SIMMONDS, Andrew; MARQUÉZ-GRANT, Nicholas; LOE, Louise (2008) – Life and death in a roman city: Excavation of a Roman cemetery with a mass grave at 120–122 London Road, Gloucester. *Archaeology Monograph N.6*, Oxford Archaeological Unit. Oxford.
- SOFAER, Joanna (2006) – The Body as Material Culture: a Theoretical Osteoarchaeology. Cambridge: Cambridge University Press.
- TSALIKI, Anastasia (2008) – Unusual Burials and Necrophobia: An Insight into the Burial Archaeology of Fear. In MURPHY, Eileen, eds – *Deviant Burial in the Archaeological Record*. Oxbow Books, Oxford.
- TSALIKI, Anastasia (2001) – Vampires Beyond Legend: A Bioarchaeological Approach. Proceedings of the XIII European Meeting of the Paleopathology Association, Chieti, Italia.
- UCKO, Peter (1969) – Ethnography and Archaeological Interpretation of Funerary Remains. *World Archaeology*, Vol. 1, n.2. Techniques of Chronology and Excavation. Taylor & Francis Ltd. p.262-280.
- UBELAKER, Douglas (1989) – Human skeletal remains: excavation, analysis and interpretation. 2nd Ed. Washington, Taraxacum Washington.
- WASTERLAIN, Rosa Sofia (2000) – Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado em Evolução Humana. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra.
- WHITE, Tim; FOLKENS, Peter (2005) – The human bone manual. Burlington: Elsevier Academic Press.

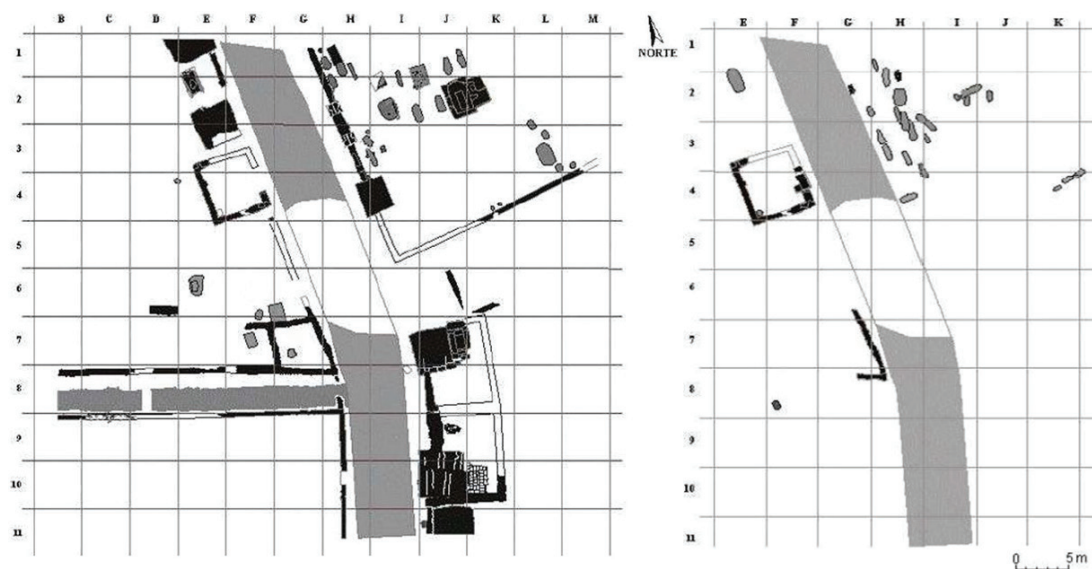


Figura 1 – Plano geral das Fases de ocupação correspondentes à Necrópole Noroeste de Olisipo – da direita para a esquerda: fase III e fase IV.



Figura 2 – Esqueleto 46 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2001).



Figura 3 – Esqueleto 39 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2001).



Figura 4 – Esqueleto 47 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2001).



Figura 5 – Esqueleto 73 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2001).



Figura 6 – Esqueleto 48 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2001).



Figura 7 – Esqueleto 33 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).



Figura 8 – Esqueleto 4 (Centro de Arqueologia de Lisboa, 2000).